

PORTUGAL, UMA RETROSPECTIVA

929



PORTUGAL, UMA RETROSPECTIVA N.º 22

# 929

FERNANDO BRANCO CORREIA  
SANTIAGO MACÍAS

DIRECÇÃO DE RUI TAVARES

---

PÚBLICO & TINTA-DA-CHINA | LISBOA MMXIX

Apesar de os editores desta colecção optarem pela norma ortográfica anterior ao Acordo Ortográfico de 1990, respeitou-se, em cada volume, a opção ortográfica dos respectivos autores.

© 2019, PÚBLICO Comunicação Social SA  
e Edições tinta-da-china, Lda

PÚBLICO  
Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte  
1350-352 Lisboa  
Tels: 210 111 357 | 93 268 0312  
Email: [colecoes@publico.pt](mailto:colecoes@publico.pt)  
loja online: [www.loja.publico.pt](http://www.loja.publico.pt)  
[www.publico.pt](http://www.publico.pt)

TINTA-DA-CHINA  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28 | 29  
E-mail: [info@tintadachina.pt](mailto:info@tintadachina.pt)  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Portugal, uma retrospectiva: 929* (vol. 22)  
Direcção: Rui Tavares  
Autores: Fernando Branco Correia e Santiago Macías  
Revisão: GoodSpell  
Assistência à coordenação científica: Maria Carla Araújo  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares), a partir  
iluminura do *Libro de los Juegos*, Afonso X,  
folio 17 verso, Escorial (século XIII).

1.ª edição: Novembro de 2019

ISBN 5602227309529-000022  
Depósito Legal 462084/19

*Abandonamos agora Portugal e mergulhamos na pergunta: e antes? O que havia antes? O que havia antes, sabemos-lo sem verdadeiramente o conhecer, era a Península Ibérica de dominação muçulmana, o Al-Andalus e a sua faixa ocidental correspondendo ao que antes tinha sido a Lusitânia romana, o Gharb Al-Andalus, ou o «ocidente da Hispânia», que viria a dar o nome ao «nosso» Algarve. Um outro mundo, portanto, ou talvez não.*

*O ano de 929, que Santiago Macías e Fernando Branco Correia escolheram para este volume da nossa retrospectiva, revela no entanto uma constante (ou pelo menos uma preocupação recorrente) da história ibérica: trata-se de mais uma «reunificação» da Península, desta vez em torno do califado de Córdoba liderado por Abd Ar-Rahman III. Através do mundo islâmico, é também a ligação estrutural e antiga do futuro território português com o Mediterrâneo e o oriente que se reforça, desde as ligações com a Síria omíada até às traduções de obras gregas que chegam a Toledo em árabe e são traduzidas para o latim por italianos. Este ano de 929 é um magnífico pretexto para nos regalarmos com uma época da nossa história tão rica quanto pouco conhecida — os autores tomam-nos pela mão e guiam-nos por todos os aspetos principais da vida no Al-Andalus medieval: da agricultura à paisagem, das cidades à vida quotidiana, da religião à política, é um mundo distinto e afinal tão próximo que reencontramos.*

*Na verdade, não estamos sequer no ano de 929; venham conosco até aos anos 316 e 317 da Hégira de Maomé. A partir deste*

*volume, abandonamos as eras do calendário cristão gregoriano que hoje utilizamos e passamos a ter de utilizar outras formas de contar o tempo.*

—RUI TAVARES

---

## ÍNDICE

Introdução	9
<b>1</b> Contexto histórico	12
<i>De fugitivo a emir: a aventura de um omíada</i>	21
<i>Revoltas no ocidente</i>	22
<i>Soberano em ascensão</i>	25
<b>2</b> Territórios, espaços urbanos e rurais	28
<i>As kuras, ou circunscrições</i>	29
<i>O ocidente ibérico no fim do califado</i>	30
<i>As taifas</i>	32
<i>Muralhas de tradição antiga</i>	39
<i>Os almóadas e a aposta numa nova arquitectura</i>	41
<b>3</b> Recursos, economia e comércio	44
<i>Paisagem</i>	44
<i>Agricultura, pecuária e hidráulica</i>	47
<i>Recursos florestais</i>	50
<i>Mel</i>	51
<i>Construção naval</i>	51
<i>Pecuária</i>	52
<i>Caça</i>	53
<i>Mineração e pedreiras</i>	54
<i>Pedras e pedreiras</i>	56

<i>Âmbar</i>	58
<i>Comunicações: novidades e trocas</i>	58
<b>4</b> Urbanismo e habitação	60
<i>Bairros e casas do período islâmico</i>	66
<i>Como se faziam as casas</i>	72
<b>5</b> Uma nova sociedade e um novo quotidiano	75
<i>Um novo quotidiano, entre fogo e água</i>	80
<i>Águas e saneamento</i>	87
<i>Banhos e águas termais</i>	88
<b>6</b> Espaços religiosos e funerários	90
<i>Religião</i>	90
<i>Arrábitas e oratórios</i>	95
<i>As minorias cristã e judaica: igrejas e sinagogas</i>	98
<i>Espaços mortuários</i>	99
<i>Cemitérios urbanos e rurais</i>	102
<i>Mourarias</i>	104
Notas	106
Bibliografia	107
Notas biográficas	111

---

## INTRODUÇÃO

Porquê 929? Qualquer obra de história de Portugal que se preze falaria, ao debruçar-se sobre esta época, do Condado Portucalense, do reino das Astúrias ou de Mumadona Dias. Neste volume, porém, optámos por outro caminho. Serão observadas as dinâmicas que se impõem no sudoeste peninsular e que remetem para influências do Mediterrâneo; o califado de Córdova ocupará lugar central nas próximas páginas, mas não exclusivo.

Nesse ano, Abd ar-Rahman III consolidou o seu poder e proclamou-se califa. Não foi um ano igual aos outros. Do ponto de vista histórico, não se pode perspectivá-lo, por si só, como consequência e como causa. Mas é mais do que certo que os acontecimentos de 929 mudaram o panorama político da Península Ibérica, quer pela unificação territorial que as campanhas de Abd ar-Rahman III vieram consumir, quer porque a consolidação do poder veio enfatizar a orientalização da sociedade. A grande fonte escrita para a leitura deste período é o volume V do *Muqtabis*, uma obra redigida por Ibn Hayyan, um autor cordovês que viveu entre 987 e 1075 d.C. Esse tomo reporta-se aos anos de 912 a 942, os mais densos do ponto de vista da luta pelo poder político. Ibn Hayyan era um convicto partidário dos omíadas (ou omeias) e há que ler a sua obra nessa perspectiva.

O relato que nos é transmitido, e que é o ponto de partida para a instauração do califado, mostra-nos uma história pouco habitual, contada a partir do sul. Os habituais heróis da nossa

história — Pelágio, Vímara Peres — dão aqui lugar a nomes de sonoridade estranha: Adb ar-Rahman, Hisham, etc. Os nomes são árabes, porque é árabe a língua franca de então. É um «Portugal» ainda de contacto privilegiado com o Mediterrâneo, o que temos ante nós.

Os dados arqueológicos, que são os mais representativos para o estudo do Gharb al-Andalus, não ajudam à escolha deste ano. A esmagadora maioria dos elementos físicos até hoje recolhidos reportam-se a épocas posteriores. O período almóada (*grosso modo*, o derradeiro século da presença islâmica entre nós) impõe-se de forma muito pronunciada. Ainda assim, pensámos que seria importante seleccionar para esta colecção uma data pouco conhecida e ainda menos valorizada. Do ponto de vista político — e este é o dado mais relevante —, 929 representa o ocaso da cidade de Beja enquanto centro polarizador do Gharb. O modo expressivo como Ibn Hayyan descreve as campanhas militares que aí ocorreram deixa antever um pouco a importância da cidade e do seu vasto território, herdeiro do antigo *Conventus Pacensis* da Lusitânia (*grosso modo*, os actuais Alentejo e Algarve). A forma como refere famílias de elevada importância regional torna evidentes as tensões entre o poder centralizador de Córdoba e os interesses das elites dos territórios ocidentais.

As crónicas sublinham estas tensões, mas o registo arqueológico não as demonstra, permanecendo mudo quanto à importância das comunidades de origem local e regional, fossem elas muladíes (ou *muwallad* — elites regionais arabizadas e islamizadas de origem ibérica) ou cristãs moçárabes. Também a esse nível, 929 e o século do califado serão decisivos para compreender o jogo de equilíbrios entre a crescente orientalização e a importância social, económica e política da população autóctone.

As fontes escritas continuam a iluminar de forma insuficiente este período e esta data. O que os textos nos dizem não é

corroborado pelos vestígios materiais. Não há casas identificadas para os períodos iniciais da islamização. Tal como nos falta a epigrafia ou nos escapam os sítios onde estiveram as igrejas, nas regiões mais a sul. Tenhamos confiança na evolução dos trabalhos arqueológicos que um dia, disso estamos certos, nos trarão dados decisivos sobre uma época de viragem na história do sudoeste peninsular. Sabemos que o século X foi de facto um tempo de viragem. E que o ano de 929 foi, simbolicamente, a data-chave num processo longo e com avanços e recuos. É a importância do período islâmico, a partir de um ano em particular, que queremos pôr em evidência nas páginas que se seguem.

---

## NOTAS BIOGRÁFICAS

FERNANDO BRANCO CORREIA (Lisboa, 1958) doutorou-se com uma dissertação sobre fortificações e guerra no ocidente do al-Andalus. Formou-se em Língua Árabe na Tunísia. Foi comissário científico da exposição «Yabura: Évora islâmica» (2015). A obra *Elvas na Idade Média* granjeou-lhe o Prémio Pedro Cunha Serra em 2014. Na Universidade de Évora, tem leccionado História de al-Andalus, História do Mundo Islâmico, Introdução à Língua e Caligrafia Árabe e Introdução à Arquitectura do Mundo Islâmico (em colaboração).

SANTIAGO MACÍAS (Moura, 1963) é técnico superior da administração local desde 1986. Doutorou-se em História pela Universidade de Lyon. Foi vereador (2005-2013) e presidente (2013-2017) da Câmara Municipal de Moura. Investigador do Campo Arqueológico de Mértola, foi docente em diversas universidades. Comissariou exposições e tem obra publicada no domínio da história do período islâmico em Portugal. Foi agraciado com o Prémio Rómulo de Carvalho em 2001 e é Cidadão Honorário da Ribeira Grande de Santiago (Cabo Verde).

portugal, uma retrospectiva

929

foi impresso na SIG,  
Sociedade Industrial Gráfica,  
no mês de Outubro  
de 2019.